



PPGDR – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional
FIDENE-UNIJUI

Análise semanal do mercado da soja, do milho e do trigo

Comentários referentes ao período entre 14/08/2026 e 20/08/2026

Prof. Dr. Argemiro Luís Brum¹

¹ Professor Titular do PPGDR da UNIJUI, doutor em Economia Internacional pela EHESS de Paris-França, coordenador, pesquisador e analista de mercado da CEEMA (PPGDR/FIDENE/UNIJUI).

uranteENDEREÇO: RUA DO COMÉRCIO, 3000 CAMPUS - PRÉDIO EPSÍLON CX. POSTAL: 560
BAIRRO UNIVERSITÁRIO - CEP: 98700-000 IJUÍ – RS - BRASIL
FONE: (55) 0**55 3332-0487 FAX: (55) 0**55 3332-0481 E-MAIL: ceema@unijui.edu.br

Cotações na Bolsa Cereais de Chicago – CBOT

	GRÃO SOJA (US\$/bushel)	FARELO SOJA (US\$/ton. curta)	ÓLEO SOJA (cents/libra peso)	TRIGO (US\$/bushel)	MILHO (US\$/bushel)
14/08/2026	11,73	308,70	69,05	6,74	4,59
17/08/2026	12,01	312,10	71,44	6,74	4,65
18/08/2026	12,00	313,00	69,69	6,64	4,63
19/08/2026	12,22	318,90	69,86	6,80	4,73
20/08/2026	12,20	315,70	71,18	6,82	4,78
Média	12,03	313,68	70,24	6,75	4,68

Bushel de soja e de trigo = 27,21 quilos

Libra peso = 0,45359 quilo

Fonte: CEEMA com base em informações da CBOT.

bushel de milho= 25,40 quilos

tonelada curta = 907,18 quilos

**Médias semanais (compra e venda)
no mercado físico brasileiro - em
praças selecionadas (em R\$/Saco)**

SOJA		
RS – Nonoai	129,00	
RS – Não-Me-Toque	128,00	
PR – Pato Branco	132,50	
PR – M.C.Rondon	130,00	
MT – C.N.Parecis	SC	
MS – Maracaju	135,00	
GO - Rio Verde	128,00	
BA – L.E.Magalhães	139,00	
MILHO(**)		
Porto de Santos	69,00	CIF
Porto de Paranaguá	68,00	CIF
Porto de Rio Grande	SC	
RS – Não-Me-Toque	58,00	
SC – Rio do Sul	61,00	
PR – M.C.Rondon	58,00	
PR – Pato Branco	61,00	
MT – C.N.Parecis	SC	
MS – Maracaju	52,00	
SP – Itapetininga	64,00	
SP – Campinas	69,00	CIF
GO – Rio Verde	55,00	
GO – Jataí	55,00	
TRIGO (**)		
RS – Nonoai	70,00	
RS – Não-Me-Toque	70,00	
PR – Pato Branco	75,00	
PR – M.C.Rondon	75,00	

Período: 19/08/2026

SC=Sem Cotação.

(*) Valor de compra.

(**)Preços em reais/saco.

Fonte: CEEMA cf. Notícias Agrícolas

**Média semanal dos preços recebidos
pelos produtores do Rio Grande do
Sul – 20/08/2026**

Produto	milho (saco 60 Kg)	soja (saco 60 Kg)	trigo (saco 60 Kg)
R\$	59,32	127,76	69,65

ND = Não Disponível

Fonte: CEEMA, com base em informações da Emater.

Preços de outros produtos no RS

**Média semanal dos preços recebidos
pelos produtores do Rio Grande do Sul –
20/08/2026**

Produto	
Arroz em casca (saco 50 Kg)	70,94
Feijão (saco 60 Kg)	182,70
Sorgo (saco 60 Kg)	50,00***
Suíno tipo carne (Kg vivo)	5,64
Leite (litro) cota-consumo (valor líquido)	2,53**
Boi gordo (Kg vivo)*	12,45

(*) compreende preços para pagamento em 60 e 20 dias

(**) Referência Junho/26, cf. Cepea/Esalq

(***) Cf. Notícias Agrícolas

ND= Não Disponível

Fonte: CEEMA, com base em informações da Emater.

MERCADO DA SOJA

As cotações da soja, em Chicago, voltaram a ultrapassar os US\$ 12,00/bushel, com o primeiro mês fechando a quinta-feira (20) em US\$ 12,20, contra US\$ 11,68 uma semana antes.

Agora é a chuva intensa no Meio Oeste estadunidense que se torna motivo de alta em Chicago, além da continuidade dos conflitos bélicos entre EUA e Irã, em particular, que fazem o óleo de soja se manter ao redor de 70 centavos de dólar por libra-peso naquela Bolsa. Soma-se a isso a redução para 61% das lavouras estadunidenses em condições entre boas a excelentes, contra 68% nesta mesma época no ano passado. Mas, o desenvolvimento da oleaginosa continua acelerado nos EUA, com 85% das lavouras formando vagens no dia 16/08, contra 80% na média.

Além disso, a Associação Nacional dos Processadores de Oleaginosas dos EUA indicou que o esmagamento de soja naquele país, em julho, foi de 5,9 milhões de toneladas, sendo ele 11% acima do registrado no mesmo mês do ano passado, embora o mercado esperasse 6,03 milhões.

Por sua vez, a China continua comprando soja dos EUA, dentro dos acordos ligados ao tarifaço de Trump, embora comecem a existir dúvidas sobre se o país asiático conseguirá atingir o volume total anual de 25 milhões de toneladas, acertado entre os dois países. Pelo sim ou pelo não, o fato é que “o ritmo ficou ainda mais intenso nas últimas semanas à medida em que se aproxima a visita do líder chinês Xi Jinping a Washington em setembro, somado ao fato de que a oleaginosa norte-americana vinha, de fato, mostrando-se mais barata do que a brasileira. Mas, as compras vêm sendo feitas pelas estatais da China, enquanto as processadoras privadas não caminham na mesma direção. Qualquer choque imediato na oferta seria amortecido pelos amplos estoques de soja e farelo de soja da China, porém, essa reserva pode não durar muito, e a janela para garantir suprimentos adicionais está se fechando, sendo que a cobertura de soja pelas processadoras privadas na China, entre novembro e janeiro, ainda está indefinida”(cf. Bloomberg).

E na Índia, segundo a Reuters, as importações de óleo de soja devem atingir um recorde em agosto. As interrupções no fornecimento de óleo de girassol, devido à guerra entre Rússia e Ucrânia, estão levando os indianos a buscarem outros óleos. Em tal contexto, as importações de óleo de soja em agosto devem subir para 620.000 toneladas, quase 46% acima da média mensal de importações de 424.549 toneladas registrada até o momento na safra atual, que começou em novembro. Com a maior demanda indiana, a exportação de óleo de soja do Brasil saltou 130% em julho, em relação ao mesmo período do ano passado, para 317.500 toneladas. A Índia, maior importador global de óleos vegetais, foi destino da maior parte do total exportado pelo Brasil em julho, adquirindo 269.400 toneladas. Além do Brasil, a Argentina costuma ser importante fornecedor aos indianos. A Rússia e a Ucrânia respondem pela maior parte das compras de óleo de girassol pela Índia, que provavelmente cairão para 180.000 toneladas em agosto, o menor volume desde fevereiro de 2026 e uma queda de 28% em relação ao mês anterior. O prêmio do óleo de soja, em relação ao óleo de palma, diminuiu para cerca de US\$ 50,00 por tonelada, frente a mais de US\$ 100,00 em abril, já que os preços do óleo de palma subiram devido a preocupações de que condições climáticas desfavoráveis possam afetar a produção. Além disso, a Indonésia tem

planos de aumentar o uso do óleo de palma para biocombustíveis. Assim, o prêmio mais baixo está tornando o óleo de soja mais atraente para os compradores indianos, que são sensíveis ao preço.

Dito isso, o suporte às cotações da soja em Chicago também vem devido a crescente preocupação do potencial produtivo da safra estadunidense. Levantamentos da Pro Farmer Crop Tour “mostraram contagens de vagens de soja inferiores às observadas no ano passado em algumas regiões de Illinois e Iowa”. O recuo é de 3,3% em relação ao levantamento de 2025, embora o resultado ainda esteja 2,9% acima da média dos três anos anteriores. O mercado aguarda, agora, os resultados finais do Crop Tour.

Diante disso, e de um câmbio entre R\$ 5,15 e R\$ 5,20 por dólar, mais prêmios firmes nos portos brasileiros, o preço da soja nacional, aos produtores, voltou a subir. Nas principais praças gaúchas o valor oscilou entre R\$ 128,00 e R\$ 129,00/saco. Já no restante do país os preços ficaram entre R\$ 128,00 e R\$ 139,00/saco. São os melhores preços do ano para a oleaginosa.

Por sua vez, analista privado avançou que a futura safra brasileira de soja, 2026/27, que começa a ser semeada em setembro, poderá chegar a 181,7 milhões de toneladas, ficando estável em relação à última colheita. A área a ser colhida chegaria a 49,2 milhões de hectares e a produtividade média em 3.690 quilos/ha (61,5 sacos/ha). Tudo isso, desde que o clima seja positivo (cf. Hedgepoint Global Markets).

MERCADO DO MILHO

As cotações do milho, em Chicago, também subiram nesta semana. O fechamento desta quinta-feira (20) chegou a US\$ 4,78/bushel, contra US\$ 4,48 uma semana antes.

O clima continua sendo o elemento de maior atenção do mercado, sendo que o excesso de chuvas nas regiões produtoras estadunidenses está, no momento, pressionando as cotações. Em tal contexto, o destaque está no fato de que, no dia 16/08, as lavouras estadunidenses em condições entre boas a excelentes recuaram para 60% do total, contra 71% no mesmo período do ano anterior. Mas, o desenvolvimento das lavouras está mais avançado, com o enchimento de grãos atingindo a 76% do total, contra 70% na média histórica.

Dito isso, a Pro Farmer Crop Tour vem indicando preocupações com a safra de milho em algumas regiões dos EUA, especialmente Indiana e Nebraska. A ponto de a previsão para a produção de milho em Indiana estar em 183,5 bushels por acre, contra 193,8 bushels por acre do ano passado. Já em Nebraska a mesma é de 163,6 bushels por acre, contra 179,5 bushels do ano passado.

Ajuda, igualmente, a manter as altas das cotações do milho a continuidade da guerra entre Rússia e Ucrânia, e seus efeitos na região do Mar Negro, forte produtora de cereais, assim como a elevação nos preços do trigo.

Enquanto isso, a Argentina teria exportado um recorde de 5,14 milhões de toneladas de milho em julho, segundo a Bolsa de Grãos de Rosário. Nesta semana, a Bolsa elevou sua estimativa para a safra de milho da Argentina, de 2025/26, para 70,5

milhões de toneladas, classificando-a como uma safra histórica. Este volume está bem acima do que os relatórios do USDA vêm informando. A colheita do cereal no vizinho país atingia a 89%, contra a média de 97% na média para esta época do ano. Em paralelo, as vendas de soja, por parte dos produtores argentinos, estava muito abaixo do esperado. Até o dia 5 de agosto, as mesmas atingiam a 24,3 milhões de toneladas da safra atual, quase 5 milhões abaixo da média de 10 anos. Isso representa 47,2% da produção esperada, a menor parcela para esta época do ano em 25 anos.

E no Brasil, os preços do milho têm oscilado pouco. No Rio Grande do Sul as principais praças continuam praticando R\$ 58,00/saco, enquanto no restante do país os valores oscilam entre R\$ 52,00 e R\$ 64,00/saco. Dito isso, o viés é de alta diante de preços internacionais, que elevam a paridade de exportação; o atraso da colheita no Brasil, e as preocupações com o clima no final do ano, devido aos possíveis impactos do El Niño.

Por sua vez, a colheita da atual safrinha atingia a 85% da área cultivada no Centro-Sul brasileiro no dia 13/08, contra 94% um ano atrás. Especificamente para o Mato Grosso do Sul, tal cenário se soma a uma oferta estadual menor. Neste estado, a safrinha deverá alcançar 11,1 milhões de toneladas, ou seja, 20,1% abaixo da safra anterior, diante de uma produtividade média estimada em 84,2 sacos/hectare, com recuo de 22,4% sobre o ano anterior.

Já a nova safra de verão brasileira começou a ser semeada através do Rio Grande do Sul. No dia 13/08 a mesma atingia a 0,3% da área estimada para o Centro-Sul nacional, contra 1,6% um ano atrás.

Enfim, nos 10 primeiros dias úteis de agosto o Brasil exportou 2,2 milhões de toneladas de milho, porém, a média diária ainda é menor do que a do ano anterior, ficando 32% abaixo da média de todo o mês de agosto/25. O preço médio obtido por tonelada exportada ficou em US\$ 216,80, ganhando 9,5% sobre o ano anterior. Para o total do atual mês de agosto, as exportações de milho atingem a 5,63 milhões de toneladas (cf. Anec).

MERCADO DO TRIGO

As cotações do trigo também subiram nesta semana, com o primeiro mês cotado batendo em US\$ 6,82/bushel no fechamento do dia 20/08 (quinta-feira), o mais alto valor em 19 dias úteis, contra US\$ 6,52/bushel uma semana antes.

Nos EUA a colheita do trigo de inverno avançou para 96% da área no dia 16/08, contra 94% na média. Por sua vez, a colheita do trigo de primavera, naquele país, chegou a 41% da área total, contra 34% na média.

E no Brasil, os preços permaneceram estáveis em R\$ 70,00/saco no Rio Grande do Sul e R\$ 75,00 no Paraná.

Segundo a Conab, o plantio está encerrado no país, com 20,3% da área em emergência, 53,9% em desenvolvimento vegetativo, 12% em floração, 20,3% em enchimento de grãos e 9% em maturação. Até o dia 11/08 a colheita do trigo também já havia alcançado 4,7% do total da área cultivada, com Goiás já tendo atingido a 70% da

área, Minas Gerais 35%, Mato Grosso do Sul 10% e São Paulo 5%. Enquanto no Rio Grande do Sul a colheita ainda está distante, no Paraná a mesma se inicia em setembro. Neste momento, segundo a Conab, quase todas as áreas daquele estado são classificadas como boas, já que o clima está favorecendo o desenvolvimento. Apesar disso, algumas regiões apresentam plantas amareladas devido ao excesso de umidade do solo. Ventos fortes também foram relatados e causaram acamamento pontual.

De forma geral, o último relatório da Conab aponta para uma colheita total de trigo, no país, em 5,8 milhões de toneladas, confirmando a tendência por nós indicada semanas atrás.

Quanto ao comportamento do mercado, o sul do país segue com baixa liquidez. “No Rio Grande do Sul, a pouca disponibilidade limita os negócios. Vendedores pedem R\$ 1.350,00 por tonelada FOB, enquanto compradores aceitam até R\$ 1.320,00, sem avanço nas tratativas. A cobertura dos moinhos avançou até cerca de 20 de setembro, em um ambiente de moagem baixa e margens pressionadas pelo descompasso entre trigo e farinha. O farelo aparece como o produto com melhor sustentação de preços. Para a safra nova, o mercado segue praticamente parado, com cerca de 60 mil toneladas negociadas até agora. Em Santa Catarina, a ausência de ofertas de trigo local mantém os moinhos abastecidos, principalmente com produto de estados vizinhos. Para trigo pão, as referências ficam entre R\$ 1.350,00 e R\$ 1.400,00 por tonelada. E no Paraná, cresce a preocupação com o abastecimento da próxima safra diante da redução da área plantada e do risco de chuvas excessivas em fases críticas da cultura. Os preços para a safra nova variam de R\$ 1.450,00 em setembro a R\$ 1.400,00/tonelada em novembro. Os negócios seguem travados (cf. TF Agrônômica).